

O HOMEM DO TEMPO: Memória e tempestade (brainstorm) nos últimos dias da Filosofia Antiga

Luciano Bitencourt de Freitas Andrade

Aluno do Curso de Filosofia – Universidade Mackenzie

"Tornar-se semelhante a Deus é fugir deste mundo"

Plotino, *Enéadas*.

Santo Agostinho (354-430), ou simplesmente Agostinho, é o célebre pensador da Antiguidade tardia, o primeiro grande filósofo do cristianismo¹. Nascido na Argélia, teve sua história de vida marcada, entre outras curiosidades, por um apego prematuro à devassidão espiritual sucedido pela conversão plena em direção à fé cristã. Neo-platônico, é responsável por uma série de contribuições a filosofia medieval, moderna e contemporânea, entre as quais destacam-se os apontamentos sobre o sujeito e a memória. Foi prolífico, viveu o período denominado Patrística, despontou também como o Bispo de Hipona e deixou extensa produção filosófica – os títulos *Contra os Acadêmicos*, *As Confissões*, *Da Trindade* e *A Cidade de Deus*, são bons exemplos da intensidade e vastidão do pensamento agostiniano.

No que se refere às *Confissões*, escrito em 397/398, um dos trechos possivelmente mais citados do pupilo iluminado de Mônica² encontra-se na reflexão apresentada no Livro XI e que diz (*Confissões*, XI, 14, 17): "O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei."³ Aqui, vale a ressalva, não

1 Cf. Julián Marías descreve em sua conferência do curso "Los estilos de la Filosofía".

2 Mônica é mãe de Agostinho e terá um papel fundamental na história e nos desdobramentos espirituais do filósofo, assim como relatado na introdução *Vida e Obra*, da coleção *Os Pensadores*, assinada por José Américo Motta Pessanha.

3 Livro XI, capítulo 14, parágrafo 17, na pág. 322 da presente edição.

se trata apenas de uma reflexão largamente reproduzida na literatura acadêmica, mas sim de todo um novo conceito filosófico até então impensável do ponto de vista teológico: “O que é o tempo?”.

Encrustada no capítulo 14, a idéia de que a resposta ao questionamento foge à compreensão do filósofo é fundamental para o entendimento de toda a discussão que será travada ao longo dos demais tomos sobre a questão. Agostinho afirma não conseguir dizer o que é o tempo, mas é blefe. Deveras, estilo. Sua explicação vai além, rompe com a tradição filosófica helenística, principalmente a aristotélica, ao conceber um tempo que não é movimento, mudança, mutação ou eterno; um tempo que não é *kinesis* e muito menos centrado na *physis*. Fiel à teologia cristã, o Bispo de Hipona vai definir o tempo como algo criado, aliás, como resultado da criação divina. O tempo é obra do criador, ou seja, de Deus.

“Que tempo poderia existir se não fosse estabelecido por Vós? E como poderia esse tempo decorrer, se nunca tivesse existido?” (...) “Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que possa dizer-se que não havia tempo”

(*Confissões*, XI, 13, 15/16).

Eis a estratégia de Agostinho. Uma vez mergulhado no cristianismo, o conceito de tempo tem de perpassar pelo ideário da criação do céu e da terra (Gênesis). Com isso, o tempo surge com o homem. O tempo é psicológico, é mundano, mensurável, medido e pode-se cooptá-lo. É o passado, presente e futuro, sucessão que é registrada pela mente humana por intermédio da lembrança na tentativa de suprir a perda daquilo que se esvai, que não se apreende para sempre. Tudo isso é contrário a eternidade, que é imensurável. O tempo eterno, que é o tempo de Deus, não abriga antes, agora ou depois; não é o tempo dos homens ou um tempo que seja entendido a partir da concepção humana de tempo.

No entanto, mesmo visto como convenção, como referencial de horas, datas ou períodos históricos, o tempo não é menos difícil compreender do que a eternidade. De acordo com Agostinho, o presente decomposto dos dias aos

segundos, por exemplo, se mostra instável e sua duração oscila entre aquilo que já foi (passado) e o que ainda será (futuro). (*Confissões*, XI, 15, 19) “Logo, o presente não tem nenhum espaço”. E mais: o passado e o futuro também não existem, pois o primeiro já passou e o segundo não aconteceu. O que restaria então?

Ora, ao que tudo indica, se o presente é a transição do passado e o futuro, em ambos os casos é no presente que o tempo acontece. Seguindo a reflexão, problematiza Agostinho quanto ao pretérito:

“Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígios”.

(*Confissões*, XI, 18, 23)

Apesar de não ser o objetivo deste artigo, cabe ressaltar – de passagem – a identificação que se faz de uma breve teoria do conhecimento nessa afirmação elaborada de forma nada ingênua pelo pensador argelino. Mas, voltando ao tempo, Agostinho discorre agora assertivo sobre o futuro:

“Sei com certeza que nós, a maior parte das vezes, premeditamos as nossas ações futuras, e essa premeditação é presente, ao passo que ação premeditada ainda não existe, porque é futura. Quando emprendermos e começarmos a realizar o que preditamos, então essa ação existirá, porque já não é futura, mas presente.”

((*Confissões*, XI, 18, 23)

Pois bem, dito de tal maneira, o raciocínio nos leva a crer – até mesmo porque Agostinho defende que é preciso crer para entender – que o tempo se divide realmente em três partes, contudo, a partir de uma única referência que é o presente. Sendo assim, teríamos o presente-passado, o presente-presente e o presente-futuro. E como podemos afirmar que tudo isso é verídico? Primeiramente, porque é inegável o fato de que medimos o tempo e que medir algo que não existe seria impossível. E o que é isso que medimos, então, ao passo que o futuro e o passado não existem e o

presente não tem lugar algum? É algo que tem origem no futuro, caminha no presente e se dirige para o passado. Uma distensão⁴.

Seria o movimento dos astros ou dos corpos tão caros aos pré-socráticos ou Platão⁵ o indicativo da medida de tal distensão? Agostinho dirá que não. E argumentará que se os astros e os corpos fossem a referência para a mensuração do tempo isso significa que se os mesmos parassem de se movimentar não haveria mais tempo, o que é incorreto, pois o tempo estaria transcorrendo da mesma maneira. Seria, então, o aristotélico “movimento estruturado segundo o antes e o depois”⁶, ou o “movimento, que é sempre movimento através de um espaço contínuo”⁷?. Não, Agostinho dirá que o tempo medido nesses casos é simplesmente o movimento observado por alguém do começo ao fim. Em termos alegóricos, o testemunho.

O tempo, portanto, pode ser entendido como o testemunho da distensão que ocorre no desdobramento do presente enquanto constituído por três partes: a expectativa do futuro, a passagem pelo presente e lembrança do passado. Mesmo contundente, a explanação não exime, porém, a indagação ainda necessária: como, então, mede-se o tempo?

A resposta é certa: através de um instrumental único e trino. Longe do pedestal astronômico pré-socrático e platônico, bem como distante do movimento e da alma de Aristóteles, Agostinho depositará sua fé naquilo que é um dos mais nobres componentes da antropologia cristã: o espírito.

Antes de Agostinho

4 Distender dis.ten.der (*lat distendere*) **vtd 1** Estender para vários lados: **A sensitiva distende suas tênues folhas. vtd e vpr 2** Estirar(-se), retesar(-se): **Distender uma corda. Distendiam-se as amarras. vtd e vpr 3** Aumentar(-se), dilatar(-se): **O excesso de alimentação distende o estômago. Os corpos distendem-se com o calor. vtd 4** Desenvolver: **Distender uma notícia, um comentário. vpr 5** Afrouxar-se, relaxar-se: **A custo se lhe distendem as pernas.** Fonte: www.michaelis.uol.com.br último acesso em 9/12/2014, 12:01.

5 Timeu, 38A, D.

6 Cf. Remi Brague aponta no livro O Tempo em Platão e Aristóteles, pág. 156.

7 Cf. Reale em Introdução à Aristóteles, pág. 89.

Na história do pensamento ocidental, as primeiras explicações sobre o tempo são elaborações da cultura grega e se confundem com a explicação do mundo. Ou seja, tratam-se de cosmogonias. De acordo com os registros que chegaram até aos nossos dias (fragmentos, doxografias...), é notória a influência órfica⁸ – dentre diversas outras concepções – sobre os conceitos elaborados por volta do séc. VI a.C. para dar conta da formação do mundo.

De uma forma em geral, as mitologias gregas utilizam-se de figuras pictóricas – no caso do tempo, até aladas – vinculadas a personagens com poderes especiais para conectar uma rede de significados e conclusões no que diz respeito ao mundo natural.

No núcleo desse pensamento⁹ específico está um elemento primordial, um titã, filho de Gaia, Terra (*Γαῖάν*), e Urano, Céu (*Οὐρανόν*), uma divindade cujo nome é Cronos (*χρόνος*). Diversas são as versões e interpretações dadas por poetas, historiadores e pensadores pré-socráticos sobre a posição de Cronos na cadeia genitora do mundo, bem como o seu papel mitológico com o nascimento de Zeus. O certo é que a idéia de sucessão está ali representada. Seja por paternidade ou ascendência, é o alicerce de um conceito primitivo de genética (continuidade).

Nas *Rapsódias*, Cronos é “o Deus do tempo infinito”¹⁰. Cada qual dos autores com suas lendas e tradições escreverá com autoridade uma versão da história do monstro que devora seus filhos. Mais adiante, as interpretações mudam o sentido. Segundo Pitágoras de Samos (570-495 a. C), o tempo se define por acontecimentos que ocorrem em períodos cíclicos, diz respeito ao número; Parmênides (530-460 a. C) dá indícios de um

8 Orfismo 1. Tradição filosófico-religiosa originária do século VII a.C., na Grécia antiga, inspirada na figura mística de Orfeu, famoso por seus poemas e canções. A seita dos iniciados nos Mistérios de Elêusis foi a principal representante do orfismo, tendo seus ensinamentos sobre a criação do mundo, a reencarnação e a natureza da alma influenciado filósofos como Pitágoras e Platão. Dicionário Básico de Filosofia, pág. 202.

9 Segundo G. S. Kirk, existem basicamente quatro tipos de cosmogonias órficas. Inclusive, o desenvolvimento de algumas delas é considerado tardio (durante o helenismo). Os Filósofos Pré-Socráticos, pág. 20/21

10 Cf. Julien, Cronos, que é representado por um velho com a foice, era venerado no Olimpo e assimilado como o Deus do tempo infinito. O oráculo decretou que Cronos seria destronado por um de seus filhos, a exemplo dos outros deuses, então ele devorou todos assim que nasciam. Zeus foi o que escapou, o venceu e depois o enviou para o Tártaro. Para os latinos, Cronos é Saturno. Dicionário Compacto de Mitologias, pág. 101.

eterno presente, “mas isso não fica bem claro” (Kirk *et al*); Zenão (490-430 a. C) fala de um tempo sempre em repouso¹¹; e Empédocles (490-430 a. C) de um ciclo cósmico, da recorrência perpétua¹².

Finalmente, Platão argumentará, em tom neo-pitagórico, que um ser eterno quis também tornar o mundo eterno e assim criou “uma imagem eterna que avança de acordo com os números” (*Timeu*, II, B, 38d) na qual chamamos tempo¹³. Com Aristóteles, a discussão ganha o caráter metafísico caracterizada pela percepção quantificante do ânimo – enquanto alma. Segundo a interpretação de Reale, trata-se do “princípio espiritual numerante” (*Introdução à Aristóteles*, Cap. III, pág. 89).

Verdade Una e Trina

No que se refere a questões como a existência e funcionalidade de um princípio (alma ou espírito) que se desloca enquanto algo capaz de agregar registros, Agostinho parece alinhar-se ao mestre do Liceu, mas quando observamos a fundo a proposta de um Deus criador do Universo e aspiração maior (finalidade) de todos os seres humanos percebemos no Bispo de Hipona uma irresistível queda platônica.

Conquanto ao tempo, Agostinho passeia pelos caminhos da tradição para elucidar de forma inovadora e autêntica o motivo pela qual é possível medir um futuro que não existe, um passado que já não é e um presente que não tem lugar. O espírito é o responsável por essa operação, por essa realização una que reúne três elementos: expectativa, atenção e memória. (*Confissões*, XI, 28, 37) “Aquilo que o espírito espera passa através do domínio da atenção para o domínio da memória”.

De certa forma, Agostinho não deixa de conceituar o tempo a partir da noção de movimento e mudança presente na física aristotélica, mas

11 Pré-Socráticos, coleção Os Pensadores, pág. 140.

12 Conforme G.S. Kirk., nas pág. 300, 302 e 308.

13 *Timeu*, 37A, E.

distancia-se do Estagirita ao atribuir tal mobilidade à criação divina e ao distinguir a característica fundamental da corrupção (entendida como finitude) humana: a manifestação de uma trindade fundamentada na memória, no pensamento e na vontade¹⁴. Não chega a ser a relação numeral neo-pitagórica que tanto se apoiou Platão, mas demonstra bastante familiaridade com o demiurgo criador do *Timeu*.

E o que Agostinho quer dizer com isso? Ora, uma vez que Deus é eternidade, onipresença e onisciência, não há por que negar que tudo o que acontece no mundo exterior (sensível) e interior (psicológico) seja do Seu conhecimento. Portanto, a visão do espírito (futuro) não estranha as coisas que apreende (presente), o que significa que tudo aquilo que a alma registra (passado) a mesma o faz por que já o tem em si.

Partindo da ideia de que o tempo nasceu com o homem, resultado da ação do Criador, seria como afirmar que medimos o tempo a partir de uma capacidade que nos é inata, boa e formal. Porém, limitada porque é presente e não eternidade. Por isso, o tempo com todas as suas direções, fator distensivo, é o caminho em direção a um único fim: Deus – cujo tempo, aí sim, nos é incompreensível.

Após Agostinho, os pensadores medievais – de uma forma ou de outra – moveram o Criador ao longo desse esquema temporal, ora recorrendo aos antigos, ora reformulando o Bispo de Hipona. Quase um milênio depois, com o advento das ciências naturais, a secularidade acabou servindo de adubo para o terreno que ostentaria o declínio da metafísica.

Sendo assim, a exegese sucumbiu à hermenêutica e no homem do tempo sobressaiu o sujeito. Temos, em Rufino, por exemplo, a construção do tempo agostiniano baseada não somente em Deus, mas principalmente na ênfase ao presente. Nesse sentido, adotando a fórmula do presente como primado, caminham outros pensadores contemporâneos como André Comte-Sponville e Nicolai Hartmann cujo argumento diz respeito ao “agora

14 Da Trindade, XI, 7, 11.

em marcha”¹⁵. De acordo com Rufino, Comte-Sponville nos sugere observar o quanto é nítido em Santo Agostinho que somente o presente existe¹⁶, ideia que também é compartilhada por Jean Guitton, enquanto que Jean-François Lyotard fala da caducidade do tempo que atinge a criatura.

No momento, seria possível levantar uma lista rotunda de outros pensadores contemporâneos de diferentes áreas do conhecimento que dificilmente escapam da influência agostiniana ao tratar do tempo, seja por releitura ou refutação ao Bispo de Hipona. Afinal, memória e tempo têm surgido indissociáveis.

Porém, cabe destacar que, independente da linha de raciocínio, toda discussão de cunho metafísico – e mais específico, cosmogônico – parece ter que passar necessariamente pelo enduro universal encarado por Agostinho e que compreende a tríade iniciada com o homem, que depois vai à Terra e, então, se encerra no firmamento. Esse, por sua vez, sempre presente naquilo que se cria.

Bibliografia

Coleção Os Pensadores. **Aristóteles**, Nova Cultural, São Paulo. 1999.

Coleção Os Pensadores. **Os Pré-Socráticos**, Nova Cultural, São Paulo. 1999.

Coleção Os Pensadores. **Santo Agostinho**, Nova Cultural, São Paulo. 1999.

AGOSTINHO. *Da Trindade*. Tradução e introdução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

BRAGUE, REMI. *O Tempo em Platão e Aristóteles*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

COSTA, MARCOS ROBERTO N.; DE BONI, LUISA; Org. *A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

15 José Renivaldo Rufino, então mestre em filosofia pela UFPE e membro do NEFIM-UNICAP, em artigo O Primado do Presente na Teoria do Tempo de Santo Agostinho. A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade, pág. 24, 26, 27, 28 e 31.

16 Não confundir “existência” como ênfase no quesito presente com negação de Deus em Agostinho.

JAEGER, W. (1936) *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 3ª edição rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JULIEN, NADIA. *Dicionário compacto de mitologia*. 1ª ed. São Paulo: Rideel, 2002.

MARÍAS, JULIAN. Conferência do curso "Los estilos de la Filosofía". Tradução de Ho Yeh Chia. Madrid: 1999/2000. Edição: Renato José de Moraes.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução, introdução e notas de Rodrigo Lopes. 1ª ed. Coimbra: CECH, 2011.

PLOTINO. *As Enéadas*. Tradução de Américo Sommerman. 2ª ed. São Paulo: Polar Editorial, 2007.

RAVEN, J. E.; KIRK, G. S.; SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 8ª ed., 2013.

REALE, GIOVANNI. *Introdução à Aristóteles*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RUSSELL, B. *História do Pensamento Ocidental*. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.



<http://revistapandorabrasil.com>